

# O Espaço-Tempo na Teoria e na Clínica Psicanalíticas

Pedro Morais Aleixo

---

## Resumo

Os conceitos de espaço e de tempo são discutidos na teoria e na clínica psicanalíticas. Na teoria, destaca-se a sua importância na descrição e na compreensão dos processos psíquicos, tendo sido em torno destes conceitos que se organizou, desde logo, a metapsicologia freudiana. Como, no desenvolvimento, evoluem os sentidos de espaço e de tempo, e quais as relações entre estas dimensões e os processos de crescimento e de desenvolvimento da consciência são questões a discutir. Na clínica, pensa-se a psicopatologia a partir da experiência do espaço-tempo, expressão do nível de consciência alcançado. E pensa-se que é através da criação de um vínculo relacional entre o psicoterapeuta e o analisando que a consciência de si se desenvolve e se expande.

**Palavras-chave:** Consciência; Dimensionalidade Psíquica; Espaço-Tempo.

## Summary

*The concepts of space and time are discussed in psychoanalytic theory and practice. In theory, its importance in the description and understanding of psychic processes stands out, and it was around these concepts that Freudian metapsychology was organized from the outset. How, in development, the senses of space and time evolve, and what are the relationships between these dimensions and the processes of growth and development of consciousness are discussed issues. In the clinic, psychopathology is thought from the experience of space-time, expression of the level of consciousness reached. And it is thought to be through the creation of a relational bond between the psychotherapist and the analysand that self-awareness develops and expands.*

**Keywords:** Consciousness; Psychic Dimensionality; Space-Time.

## O Espaço e o Tempo como Parâmetros do Psiquismo

Espaço e tempo são conceitos fundamentais para descrevermos o universo em que vivemos. Saber-se se este teve um começo no tempo e se é limitado no espaço são questões a que a física tem procurado dar resposta, formulando leis. Espaço e tempo têm sido também os conceitos utilizados pela psicanálise para descrever e compreender o psiquismo. Saber-se o seu começo, como se desenvolve e quais as suas propriedades são questões a que a psicanálise tem procurado dar resposta, desde as primeiras investigações, iniciadas por Freud no final do séc. XIX, quando, depois de ter abandonado o projeto de descrever os fenómenos que estão na base da vida psíquica em termos de circulação de energia nos neurónios no espaço cerebral, através de “vias de acesso” e de “barreiras de contacto”, e cujo modelo era o “aparelho neuronal” (Freud, 1895/1996), construiu a primeira formulação metapsicológica do “aparelho psíquico” (Freud, 1900/1996), representando-o, desde logo, através de coordenadas e de dimensões espaciais e temporais. A temática espacial é aqui associada a uma vasta metáfora, os lugares da vida psíquica, designados por “sistemas” ou “instâncias”. Conceptualiza assim, os sistemas “inconsciente” e “pré-consciente/consciente”, separados por uma barreira permeável, a “censura”. Sistemas que, segundo Freud (1911/1996; 1912/1996; 1915/1996), são os lugares das representações e dos afectos e que se regem por leis: o inconsciente pelas leis do “processo primário”, primeiro modo do pensamento humano, que ignora as coordenadas do espaço e do tempo; o pré-consciente/consciente pelas leis do “processo secundário” que, por imposição da realidade, obriga ao respeito do espaço e do tempo.

Os lugares da vida psíquica sofrem uma remodelação com a conceptualização da segunda configuração ternária do aparelho psíquico, em que Freud (1923/1996), formulando “novos” lugares da vida psíquica, o “id”, o “ego” e o “superego”, mantém os lugares anteriores como qualidades, isto é, concebe a existência, no interior destes lugares, de zonas de diferentes profundidades, abrindo, assim, a possibilidade da comunicação inter e intrassistémica. “Novos” lugares porque, além de integrar características dos lugares da primeira configuração ternária, retoma conceitos anteriores, que refunda. É o caso do

ego, descrito pela primeira vez por Freud (1895/1996), no seu artigo “Projeto para uma Psicologia Científica”, e que, nesta nova formulação, nascendo de uma diferenciação do id - lugar (inconsciente) primeiro e inicial das pulsões - se vai desenvolver e complexificar, de forma a autonomizar-se como lugar central do aparelho psíquico, exercendo a função de regulador deste aparelho, já que, tendo em conta a realidade, e sobretudo, os objetos da realidade, medeia as forças propulsoras do id e as forças repressoras do superego - lugar que, apesar de também ser “novo”, se situa na continuidade da censura e dos desenvolvimentos do “ideal do ego” (Freud, 1914/1996), tendo, como o ego, as suas raízes no id. Ego que, para exercer estas funções, mobiliza mecanismos de defesa que se situam na sua zona mais inconsciente. Ego que é o lugar do pensamento racional, da auto-observação, do juízo crítico, do pensar. Ego que, como precisa Freud (1923/1996), “é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal” (p. 39), e, neste sentido, faz a ponte entre o somático e o psíquico. Ego que é formado, em grande parte, a partir de identificações. Tal como o superego.

A identificação ganha, aqui, o estatuto de operação fundamental nos processos de formação e de constituição do psiquismo, identificação que, com Klein (1952/1987; 1955/1987; 1957/1987) adquire um novo dinamismo, na medida em que a compreensão e o alcance dos mecanismos de projecção e de introjecção conduziram à “identificação projectiva” e à “identificação introjectiva”, mecanismos organizadores dos processos psíquicos nos primeiros tempos de vida, os tempos da “posição esquizoparanóide”, e, depois, da “posição depressiva”. Com efeito, para Klein (1940/1992), são estes mecanismos que, ao funcionarem como se se tratasse de uma respiração psíquica, levam à formação e ao povoamento do “mundo interior”. Este é um lugar que, nas conceptualizações kleinianas, é um espaço de vida, espaço que, tal como o mundo exterior, é habitado por “objetos internos”, em constante relação.

Também Bion (1962/1987; 1962/1988; 1970/1991) faz dos mecanismos de identificação projectiva e de identificação introjectiva os pilares fundamentais sobre os quais assenta o seu modelo do funcionamento psíquico, estando na base das dinâmicas relacionais e comunicacionais entre o bebé e a mãe. Com efeito, é no seio de uma relação dinâmica entre o continente e o conteúdo -

ambos componentes espaciais, o primeiro associado à “função alfa” (continente transformador) e o segundo ligado aos “elementos beta” (conteúdos das projecções primitivas) - que a mãe vai dando sentido às experiências emocionais do bebé, e este, ao “aprender com a experiência”, vai no decurso do seu crescimento, desenvolvendo o seu funcionamento psíquico, internalizando o continente e a capacidade deste em desempenhar a função alfa, ficando assim, com os meios para o desenvolvimento do pensar, do “aparelho de pensar pensamentos”. Para além da função alfa ser internalizada, também os elementos alfa, transformados pela função alfa materna, vão sendo introjectados, e, ao proliferarem e ao aderirem entre si, vão formar, no psiquismo, a “barreira de contacto” - conceito de Freud (1895/1996), retomado aqui por Bion (1962/1987) como uma estrutura psíquica de construção objectal - que, porque demarca tanto um contacto como uma separação e o intercâmbio entre o consciente e o inconsciente e entre o mundo real externo e o interno, exerce uma função topográfica, uma função delimitadora do psiquismo, uma função de fronteira; exerce, portanto, a função de criar espaços, e também, tempo. A falência da função alfa materna leva à proliferação dos elementos beta que, ao serem introjectados e ao fusionarem-se entre si, conduzem à formação da “tela beta”, e esta, porque não promove as diferenciações necessárias à formação de uma barreira/fronteira delimitadora do psiquismo, tem consequências no desenvolvimento da concepção do espaço e do tempo. Para Bion (1956/1988; 1957/1988; 1959/1988), que se inspirou nas posições esquizoparanóide e depressiva, presentes nas conceptualizações kleinianas, se, no primeiro caso, assistimos ao desenvolvimento, no psiquismo, do predomínio da “personalidade não-psicótica”, onde imperam o respeito pelo espaço e a aceitação da passagem do tempo, no segundo caso, assistimos ao predomínio da “personalidade psicótica”, personalidade que, usando a onnipotência, nega a distância e ocupa o espaço do outro, enquanto o ritmo temporal se altera. Apesar de uma personalidade poder predominar sobre a outra, as duas coexistem ao longo do desenvolvimento, numa contínua interacção dinâmica.

Podemos aproximar estas conceptualizações das de Matte-Blanco (1975/1998; 1988/2005), que, partindo das características inerentes aos processos primário e secundário, presentes nas conceptualizações freudianas, também considera a

existência, no psiquismo, de dois “modos de ser”, isto é, de perceber e de interagir com o mundo: o modo “heterogéneo-divisor”, organizado pelo “princípio da assimetria”, que, promovendo distinções e diferenciações de relações, leva ao desenvolvimento de uma tetradimensionalidade espaço-temporal, e o modo “homogéneo-indivisível”, organizado pelo “princípio da simetria”, que, diferentemente do anterior, não promove ou dissolve as fronteiras, não propicia ou apaga as diferenças e as separações, escapando, assim, à ordenação do tempo - introduzindo um constante e eterno presente - e à organização do espaço - introduzindo a equivalência de um aqui, um lá e um acolá. As lógicas sustentadas pelos princípios da simetria e da assimetria, que organizam os dois modos de ser, coexistem numa oposição binária de proporções variáveis, formando assim, diversos estratos. Estes, que hipoteticamente se podem inscrever num infinito *continuum*, resultado de infinitas gradações de ambos os modos, vão, nos seus limites, da indivisibilidade absoluta, presente no estrato totalmente capturado pelos processos de simetrização, onde, porque tudo é homogéneo e não existem diferenças, o sujeito fica imerso numa totalidade englobante, até à divisibilidade absoluta, presente no estrato totalmente tomado pelos processos assimétricos, onde, porque tudo é heterogéneo, o sujeito fica aprisionado num mundo em que não há similaridades.

Encontramos, nestas duas conceptualizações, a afirmação de uma duplicidade inerente ao psiquismo, constituído pela coexistência de diferentes proporções mutáveis das personalidades ou modos de ser, em constante interação dialógica, levando à emergência de diversas formas de organização do espaço e do tempo.

Na continuidade destes estudos, e usando os conceitos de espaço e de tempo, Grotstein (2000/2003) vai conceptualizar o desenvolvimento num movimento progressivo, que se inicia com a dimensão zero, que corresponderia à vivência fetal, estado de absoluta simetria, evolui para a unidimensionalidade, com o aparecimento da assimetria, situação que ocorre com a experiência do nascimento, passa depois pelo desenvolvimento da assimetria, acedendo-se, assim, à bidimensionalidade, o que marca o início da diferenciação entre sujeito e objeto, e, finalmente, o domínio cada vez maior da assimetria conduz à tridimensionalidade, isto é, à separação sujeito-objeto.

Relativamente às condições impulsionadoras do processo de construção destes espaços e tempos psíquicos, Bick (1967/1991) e Meltzer et al. (1991) mostraram a importância da identificação a um objecto continente. E, se a primeira refere que esta identificação leva ao sentimento de se ter uma “pele psíquica”, os segundos afirmam que o insucesso da identificação leva à permanência de um estado de fusão com o objeto externo, à permanência da “identificação adesiva”, mecanismo identificatório primitivo que, do ponto de vista ontogenético, ocorre antes de qualquer constituição de um objeto interno no espaço interno. Grotstein (2000/2003) refere-se a este fenómeno como “identificação coesiva”, e, na sua perspectiva de desenvolvimento cognitivo-emocional, tendo como parâmetros a experiência no espaço e no tempo, corresponderia à bidimensionalidade.

A importância da aquisição de um continente para o início do processo de construção do psiquismo é também sublinhada por Anzieu (1985), que considera que a mãe, através da prestação de cuidados corporais ao bebé, favorece a construção fantasmática de este estar contido por uma pele. Propõe o termo “ego-pele” para designar a forma como o ego precoce do bebé, através da experiência da superfície do corpo, se vive como continente dos conteúdos psíquicos, e, ligando as funções da pele com as funções do ego, elabora o conceito de “envelope psíquico”. A experiência da pele corporal apoia, assim, a construção do envelope psíquico, e porque este sustém a função continente da pele corporal, os desenvolvimentos do espaço corporal e do espaço psíquico ocorrem simultaneamente, num processo de potenciação mútua. Na mesma linha destes estudos, Ciccone e Lhopital (1991) referem-se a um ego psicossomático que, no início da vida, se apresenta indiferenciado e que, ao longo do desenvolvimento, se vai diferenciando gradualmente num ego corporal e num ego psíquico articulados, ajustados, apoiando-se um no outro. Na conceptualização de Winnicott (1979/1988), este ajustamento corresponde ao desenvolvimento do processo de “personalização”, processo que se liga ao sentimento de se ter um corpo, de habitar um corpo, e que é uma aquisição natural e progressiva que impele a criança a existir e a sentir a sua existência, a tornar-se viva no soma, promovendo a génese de uma vida psicossomática una e unificante, e que a irá levar a sentir-se uma pessoa. O processo de personalização estrutura-se, assim,

através do corpo, e, de um ponto de vista fenomenológico, ser uma pessoa implica não só ser-se consciente da sua própria existência, ser-se consciente do seu próprio corpo, como ainda ser e sentir-se um todo.

Também Sami-Ali (1977) se refere à importância do corpo no processo de construção de um sentimento de si. Para ele, sentir o corpo é ter um espaço, e, como a aquisição da permanência no espaço permite situar os outros no espaço, inicia-se, desse modo, a percepção interna de ser e de existir, bases para o desenvolvimento do sentimento de si, o sentimento de se possuir uma identidade pessoal, desenvolvimento que é simultâneo com a aquisição gradual do sentimento da existência do outro, isto é, um sujeito só se tornará sujeito através do outro e em referência ao outro. Então, a aquisição de uma identidade e o reconhecimento da identidade do outro - descoberta da alteridade - pressupõem uma diferenciação nítida entre sujeito e objecto, entre espaço interior e espaço exterior. Mas, como adiantou Winnicott (1971/1975), esta diferenciação pressupõe, por sua vez, a construção de um outro espaço, o “espaço transicional”, espaço que simultaneamente separa e liga o espaço interior e o espaço exterior. É, por isso, um interespaço, ou melhor, um espaço mediador, exercendo, portanto, a função de delimitação da topografia do psiquismo, mas, ao mesmo tempo, é um espaço de ligação e de articulação entre interno e externo, lugar de troca consigo mesmo e com o outro, funções que são próximas das atribuídas por Bion (1962/1987) à barreira de contacto.

## As distorções do espaço-tempo

A investigação, na clínica psicanalítica, de crianças e de adultos com núcleos psicóticos muito ativos revela que estes não se conseguem organizar, de forma estável e permanente, numa tetradsimensionalidade espaço-temporal. São crianças e adultos que cresceram com fragilidades psíquicas, devido a uma complexa interacção de factores que, para além de se poderem inscrever em vulnerabilidades genético-constitucionais, resultaram do impacto, determinante, de dinâmicas relacionais stressantes, pelo que acontecimentos geradores de uma grande turbulência emocional reactivam essas fragilidades

e desencadeiam uma grave alteração e/ou deformação de numerosas funções, como a função alfa, que, instaurando uma retroactividade negativa - “reversão da função alfa” (Bion, 1962/1987) – provoca o colapso da tetradimensionalidade espaço-temporal, que perde a sua estabilidade, podendo levar ao surgimento e à imposição, no psiquismo, de dimensões mais primitivas do desenvolvimento, e, conseqüentemente, a alterações da consciência de si.

O colapso pode ocorrer sob a forma de uma explosão projectiva, levando a um brusco rompimento dos limites, transgredindo-os, desencadeando, assim, uma enorme expansão do espaço, com apropriação de outros espaços, e a uma grande desconexão do tempo, fundindo e confundindo o passado com o presente. Na base destes fenómenos, estão os mecanismos de “identificação projectiva patológica” (Bion, 1962/1988) ou “identificação intrusiva” (Meltzer et al. 1984), que, ao invés de promoverem uma relação com os objectos, levam a que estes sejam penetrados, arrombados, usurpados. Porque estes objectos podem ser animados ou inanimados, o colapso conduz a vivências de se habitar um mundo estranho, bizarro, porque povoado por “objectos bizarros” (Bion, 1956/1988; 1957/1988), um mundo regido por leis alteradas e altamente deformadoras da realidade e dos objectos da realidade. O risco maior é o desaparecimento do próprio por reabsorção pelo objecto, já que, habitando nele de modo fusional e confusional, a sua identidade está em causa. Ou, quando estes mecanismos se invertem, pode ocorrer o desaparecimento do objecto, por reabsorção pelo próprio, e, neste caso, a identidade surge também gravemente alterada. Encontrámos, nestes pacientes, experiências antigas com um objecto que se mostrou incapaz de estabelecer a distância adequada com o sujeito, ora porque demasiado próximo, intrusivo, ora porque demasiado distante, abandonico. Foi um objecto que não só não conseguiu regular e dar sentido às experiências emocionais, como, por vezes, ainda se revelou um objecto indutor de um “pavor sem nome” (Bion, 1957/1988). O resultado foi a vivência de um caos emocional e o desenvolvimento de uma frágil capacidade de autorregulação, sendo que, agora, circunstâncias ligadas a uma maior perturbação emocional desencadeiam o caos relacional, não sabendo distinguir, claramente, o que é seu do que é de outrem, não percebendo que os objectos de hoje podem ser diferentes dos de ontem.

O colapso da tetradimensionalidade espaço-temporal pode, por sua vez, conduzir a que o espaço se estreite, se reduza, e a que o tempo se cinda, se quebre. Acontece quando os frágeis limites se esbatem e se esgaçam até ao seu rompimento, ocorrendo, na sequência disso, um desligamento e um vazamento dos conteúdos psíquicos, o que arrasta o sujeito para um mundo que vai perdendo a sua espessura, que se vai achatando - o risco da bidimensionalidade vislumbra-se no horizonte dos acontecimentos -, um mundo também marcado por uma grande intolerância aos intervalos de tempo, sentidos como quebra na continuidade de experiências, ou mesmo na sua perda. É o depauperamento do psiquismo, que introduz o terrível sentimento de não se saber de si, quer porque não se sabe de onde se vem - comprometimento de memórias autobiográficas -, quer porque não se sabe para onde se vai - sem sonhos, o futuro não se avista. São acontecimentos precipitados por vivências de perda, vivências que parecem situar-se numa sucessão de experiências anteriores com objectos que não estabeleceram uma ligação/vinculação suficientemente segura, de forma que a sua presença permitisse tolerar a sua ausência, não favorecendo, assim, a elaboração adequada de um espaço-tempo interior suficientemente contendor e habitado por objectos internos serenos e confiáveis. Porque a capacidade de contenção e organização deste espaço-tempo interior se vai dissolvendo e os seus conteúdos se vão dissipando, é o próprio que se vai perdendo de si.

Os sentimentos de perda do objecto na relação precoce podem ocorrer, em certos casos, de forma abrupta, inesperada, e num tempo em que ainda não se organizou o espaço-tempo transicional, espaço-tempo necessário para amortecer esta forma de ausência do objecto que, por isso mesmo, se revelou catastrófica, traumática, levando a um sentimento de perda de uma parte de si, ou até mesmo de si, deixando, no processo de construção do espaço-tempo interno, um enorme buraco, um buraco próximo da experiência do “buraco negro”, de que nos fala Tustin (1986/1990). Como resultado de dinâmicas relacionais patológicas e patogénicas que reativam o trauma antigo, este buraco emerge com uma densidade tal que impõe a sua presença na mente. É um emergir que acontece sob a forma de uma explosão projectiva invertida, que se traduz no afundamento do espaço-tempo sobre si próprio, arrastando os conteúdos psíquicos para um profundo e infundável abismo. É o colapso

implosivo do buraco que, ao afundar-se sobre si próprio, introduz a experiência da unidimensionalidade. O súbito afundamento do espaço leva a vivências de “falta de chão”, de “queda interminável num buraco”, e, no limite, de se “ser o próprio buraco”, momento em que surgem as experiências de um “nada sentir”, de um “nada ser”. Quando estas experiências se expandem para o exterior, são o mundo e os objectos do mundo que perdem o sentido, o significado.

Em qualquer dos casos, assiste-se ao domínio da personalidade psicótica da mente, ao domínio do modo de ser homogéneo-indivisível, domínios que introduzem leis que levam a uma enorme distorção da conceção habitual do mundo, a uma intensa deformação da perceção de si próprio e dos objetos. E percebemos, claramente, que estas distorções e deformações são acompanhadas por profundas modificações da imagem do corpo, o que vai ao encontro de outras investigações (Aleixo, 2016), onde se verificou que a relação entre o corpo e o psiquismo é de tal maneira estreita que a desorganização de um arrasta a desorganização do outro.

A investigação psicanalítica de crianças e de adultos com núcleos psicóticos muito activos revela, então, um corpo com limites alterados, distorcidos ou rompidos, revela sentimentos de despersonalização, de desincorporação e de desrealização. Revela um “aparelho de pensar pensamentos” (Bion, 1962/1988) comprometido, porque dominado pelo antipensamento, pelo “sem-sentido” (Grotstein, 1990/1999). Sem-sentido lógico e ontológico. Sem-sentido lógico, porque os processos de simbolização se perturbam seriamente; sem-sentido ontológico, porque a consciência de si se altera gravemente.

O que falha quando os núcleos psicóticos são muito activos é, pois, todo um complexo trabalho psíquico que, em vez de se desenrolar no sentido do crescimento e da expansão do espaço-tempo tetradimensional, se desenvolve num trabalho de distorção ou deformação, de dispersão ou dissolução, de contração ou compressão deste espaço-tempo. O que falha é a dificuldade ou a impossibilidade de aceitar os limites do espaço e do tempo, é tolerar a fissura, o hiato que expressa as separações e as ausências, mas também as inúmeras possibilidades de ligações e presenças. O que falha é a construção de espaços

entreabertos e de tempos inscritos numa narrativa que respeite os ritmos e a periodicidade. O que falta é, no fundo, o desenvolvimento e a estabilização da “consciência alargada” (Damásio, 2000, 2010), faculdade que permite o pensamento de si - “sentimento de si” - como ser individual, capaz de se situar numa continuidade temporal que envolve o passado vivido e o futuro antecipado.

## **A Tetradimensionalidade na Relação Terapêutica**

É o desenvolvimento/expansão da tetradimensionalidade espaço-temporal que a relação terapêutica deve promover. É o desenvolvimento/expansão da autoconsciência que a relação terapêutica deve favorecer. É, pois, nas dinâmicas intersubjetivas da relação terapêutica, pela instauração de um vínculo afectivo e emocional, que, gradualmente, se podem ir eliminando distorções, dispersões ou compressões espaço-temporais, de forma a poder desenvolver-se e/ou expandir-se a tetradimensionalidade psíquica; se pode ir facilitando a comunicação, a ligação e a integração entre os diversos modos de ser, ou entre as diferentes personalidades, de forma a chegar-se a um conhecimento alargado de si e dos outros. E, assim, pode-se ir reorganizando as modalidades relacionais patológicas e patogénicas desenvolvidas no passado e que pautam as relações do presente, de modo a que o sujeito seja capaz de vislumbrar e de construir novos projectos relacionais para o futuro; pode-se ir apaziguando a turbulência emocional, ligando e integrando a emoção e o pensamento, de modo a desenvolver-se o pensar; pode-se ir conciliando e harmonizando o corpo e o psiquismo, de modo a afirmar-se a unicidade e a coerência do próprio.

Porque existimos, sentimos e pensamos em termos espaço-temporais, porque estes são os organizadores das nossas experiências psíquicas, o desenvolvimento, normal ou psicopatológico, pode ser pensado em termos da organização da dimensionalidade espaço-temporal alcançada, expressão do nível de evolução da consciência de si, de uma consciência que, no desenvolvimento normal, tende para uma contínua expansão da tetradimensionalidade psíquica. Esta é uma consciência que permite a reflexão sobre o vivido e o sentido; uma consciência que admite a presença do outro e suporta a sua ausência; uma consciência que

vive o presente tendo em conta o passado e que, através do sonho, se projecta no futuro; uma consciência que valoriza a experiência da liberdade, sobretudo, a liberdade de ser e de estar no mundo.

## Referências

Aleixo, P. (2016). *O Eu neuropsíquico – Ensaio sobre a consciência*. (Dissertação de Doutoramento na Área da Psicologia Clínica), ISPA – Instituto Universitário, Lisboa.

Anzieu, D. (1985). *Le moi-peau*. Dunod.

Bick, E. (1991). *A experiência da pele em relações de objeto arcaicas*. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje: Desenvolvimentos da teoria e da técnica* (Vol. 2, pp. 194-198). Imago Editora. (Obra original publicada em 1967)

Bion, W. R. (1987). *Aprendiendo de la experiencia*. Paidós. (Trabalho original publicado em 1962)

Bion, W. R. (1988). *Desenvolvimento do pensamento esquizofrénico*. In J. Salomão (Dir.), *Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)* (pp. 39-44). Imago. (Obra original publicada em 1956)

Bion, W. R. (1988). *Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica*. In J. Salomão (Dir.), *Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)* (pp. 45-62). Imago Editora. (Obra original publicada em 1957)

Bion, W. R. (1988). *Ataques ao elo de ligação*. In J. Salomão (Dir.), *Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)* (pp. 87-100). Imago Editora. (Obra original publicada em 1959)

Bion, W. R. (1988). *Uma teoria sobre o processo de pensar*. In J. Salomão (Dir.), *Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)* (pp. 101-109). Imago Editora. (Obra original publicada em 1962)

Bion, W. R. (1991). *A Atenção e interpretação: O acesso científico à intuição em psicanálise e em grupos*. Imago Editora. (Obra original publicada em 1970)

Ciccone, A., & Lhopital, M. (1991). *Naissance à la vie psychique*. Dunod.

Damásio, A. R. (2000). *O Sentimento de si: O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência* (2ª ed.). Publicações Europa-América.

Damásio, A. R. (2010). *O livro da consciência: A construção do cérebro consciente*. Temas e Debates.

Freud, S. (1996). *Projeto para uma psicologia científica*. In J. Salomão (Dir.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 1, pp. 333-443). Imago Editora. (Obra original publicada em 1895)

Freud, S. (1996). *A interpretação dos sonhos*. In J. Salomão (Dir.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vols. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1900)

Freud, S. (1996). *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In J. Salomão (Dir.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 237-244). Imago Editora. (Obra original publicada em 1911)

Freud, S. (1996). *Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise*. In J. Salomão (Dir.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 12, pp. 273-285). Imago Editora. (Obra original publicada em 1912)

Freud, S. (1996). *Sobre o narcisismo: Uma introdução*. In J. Salomão (Dir.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 75-108). Imago Editora. (Obra original publicada em 1914)

Freud, S. (1996). *O inconsciente*. In J. Salomão (Dir.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 163-222). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original publicada em 1915)

Freud, S. (1996). *O ego e o id*. In J. Salomão (Dir.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 19, pp. 13-80). Imago Editora. (Obra original publicada em 1923)

Grotstein, J.S. (1999). *A importância do nada, do sem-sentido e do caos na psicanálise*. In J. S. Grotstein (Org.), O buraco negro (pp. 19-59). Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1990)

Grotstein, J. S. (2003). *Quem é o sonhador que sonha o sonho? Um estudo de presenças psíquicas*. Imago Editora. (Obra original publicada em 2000)

Klein, M. (1987). *Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant*. In R. Money-Kyrle (Ed.), Envy and gratitude and other works (1946-1963) (Vol. 3, pp. 61-93). Hogarth Press & Institute of Psycho-Analysis. (Original work published 1952)

Klein, M. (1987). *On identification*. In R. Money-Kyrle (E.), Envy and gratitude and other works (1946-1963) (Vol. 3, pp. 141-175). Hogarth Press & Institute of Psycho-Analysis. (Original work published 1955)

Klein, M. (1987). *Envy and gratitude*. In R. Money-Kyrle (Ed.), Envy and gratitude and other works (1946-1963) (Vol. 3, pp. 176-235). Hogarth Press & Institute of Psycho-Analysis. (Original work published 1957)

Klein, M. (1992). *Mourning and its relation to maniac-depressive states*. In R. Money-Kyrle (Ed.), Love, guilt and reparation and other works (1921-1945) (Vol.1, pp. 344-369). Karnac Books & Institute of Psycho-Analysis. (Original work published 1940)

Matte-Blanco, I. (1998). *The unconscious as infinite sets: An essay in bi-logic*. Karnac Books. (Original work published 1975)

Matte-Blanco, I. (2005). *Thinking, feeling, and being: Clinical reflections on the fundamental antinomy of human beings and world*. Taylor & Francis e-Library. (Original work published 1988)

Meltzer, D., Milana, G., Maiello, S., & Petrelli, D. (1984). *La distinction entre les concepts d'identification projective (Klein) et de «contenat-contenu» (Bion)*. *Revue Française de Psychanalyse*, 4(2), 551-570.

Meltzer, D., Bremner, J., Hoxter, S., Weddell, D., & Wittenberg, I. (1991). *Explorations in autism: a psycho-analytical study* (3rd ed.). Clunie Press.

Sami-Ali (1977). *Corps réel. Corps imaginaire*. Paris: Dunod.

Tustin, F. (1990). *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Artes Médicas. (Obra original publicada em 1986)

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago Editora. (Obra original publicada em 1971)

Winnicott, D. W. (1988). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (2ª ed). Artes Médicas. (Obra original publicada em 1979)